

**CULTURA  
CINEMA**

**Cegueira  
branca**  
**'Viagem a Portugal'**  
**de Sérgio Tréfaut**



**H**á um estranho paralelismo entre esta ficção de Sérgio Tréfaut (que ainda há pouco estreou o documentário *A Cidade dos Mortos*) e o filme *O Barão*, de Edgar Pêra. Em primeiro lugar são quase longas inaugurais – primeira ficção, no caso de Sérgio Tréfaut; e primeira longa em condições financeiras aceitáveis, de Edgar Pêra. Depois, ambos exploram uma estética peculiar e são a preto e branco – mas se em *O Barão* predominam as sombras e a negritude, em *Viagem a Portugal* quase nos cega tanto branco claustrofóbico, tanto albinismo nos corredores, paredes e portas, tanto *flash* ofuscante. Os dois decorrem em cenários não naturais, com poucas cenas de exteriores, em ambientes fechados, artificiais, inquietantemente alheios. Espaços de passagem, onde as personagens supostamente transitam, mas onde estão, muito à maneira de Kafka, enclausuradas. *O Barão* decorre num castelo sinistro, habitado por um drácula lusitano reformado, num lugar sem tempo. *Viagem a Portugal* decorre num aeroporto, também sinistro, que, por acaso, na história, é o de Faro, mas podia ser um lugar sem tempo. Aqui, não há nenhum tiranete, meio homem meio javali (Nuno Melo) sedento de sangue, a bradar «quem manda sou eu!», mas há uma inspetora do SEF (Isabel

Ruth), igualmente assustadora e autoritária. Aqui, quem manda é ela. E a pobre ucraniana (Maria de Medeiros), acabada de desembarcar para ir ter com o marido senegalês, vê-se envolvida num processo de incomunicação e equívocos, sujeita às mesmas palavras que usámos para o filme fantástico de Edgar: humilhação, tortura e abuso de poder.

**Emoções dissecadas**

A crucial diferença é que o filme de Sérgio Tréfaut não tem nada de fantasia nem de parábola. O caso aconteceu mesmo. Por excesso de zelo, incompreensão, indiferentismo, total ausência de humanidade ou preocupação com o outro, uma professora foi forçada a permanecer 36 horas nestas catacumbas climatizadas da Europa, noite e dia iluminadas, feitas de não vida e suspensão, onde a linha de fronteira passa no exato centro de uma secretária de burocracia alfundegária.

**Num cenário despojado e despigmentado toda a atenção se foca nos espantosos olhares de Maria de Medeiros e Isabel Ruth, como num duelo alfundegário**

A funcionária é compreensiva, não levanta a voz, está só a tentar ajudar: «Nós, em Portugal, somos humanos», mas também gostamos muito de empatar, de manter conversas de surdos, e, sempre que possível, abreviar o expediente. Toda a história está centrada nos dois espantosos olhares de Maria de Medeiros e Isabel Ruth (aliás, este filme marca dois grandes regressos às produções nacionais), salientados pelos silêncios só interrompidos pelas palavras ou pelos saltos altos da ucraniana e pelo branco que invadiria todo o plano não fosse travado pela presença das personagens. O total despojamento, o minimalismo, a ausência de elementos cénicos, a opção de repetir a mesma cena em campo e contracampo, uma conceitualidade não gratuita, transformam aquele décor numa espécie de bloco operatório, onde as emoções são dissecadas silenciosamente, com anestesia e bisturi. As pessoas são despojadas de vontade e consciência. E parece que flutuam no ar, sem elementos distrativos, como nas fotografias de Richard Avedon que inspiraram Tréfaut. Numa das raras cenas de exterior, quando a GNR enxota o marido senegalês para o meio da estrada, ouve-se o sobressalto da voz de Carlos Cruz, numa gravação dos anos 90, vinda da rádio do jipe, numa preleção sobre ética... ■

Foto: Paulo Tréfaut